

HISTÓRIAS E MÉTODOS DO POVO PATAXÓ NA PRODUÇÃO INTERDISCIPLINAR E INTERCULTURAL DE CONHECIMENTOS ETNOAMBIENTAIS

ALICIA ARAÚJO DA SILVA COSTA¹

UFSB, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0001-9015-8239>

RESENHA

FERREIRA, Oziel Santana et al. (org.). **Assim contam os mais velhos:** experiências e resultados da experiência intercultural em pesquisa sobre gestão etnoambiental de territórios Pataxó. Feira de Santana: UEFS Editora, 2018.

Assim contam os mais velhos é, comumente, uma frase de abertura de uma narrativa Pataxó; artifício para aguçar a curiosidade e calibrar os ouvidos do interlocutor para a experiência sensorial deliciosa de testemunhar narrativas orais. Refiro-me especificamente às histórias do povo Pataxó, habilmente contadas e recontadas incontáveis vezes nas interseções das gerações “velhas” e “novas”. Isso porque quem é novo quase sempre vai recorrer à autoridade dos “mais velhos” para legitimar a história contada – assim recomenda a tradição. Depreende-se que o aviso funciona como uma espécie de garantia de que não se trata de história inventada, nem de história fantasiosa, mas de história herdada, acontecida. Ou, como traz um dos subtítulos da obra, trata-se de “Histórias reais do povo Pataxó” (FERREIRA et al, 2018 p. 33)

Inicialmente, eu gostaria de sugerir que você tivesse algo em mente

¹ Doutoranda em Estado e Sociedade - Área de Concentração Sociedade, Cultura e Ambiente no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Sul da Bahia.

ao fazer a leitura da resenha deste livro, a fim de que você possa tirar o melhor proveito dela, sobretudo se você não conhece a história da resistência do povo Pataxó. É o seguinte: de um jeito estrategicamente silencioso e obstinadamente resiliente, o povo Pataxó conseguiu preservar na memória social, ao longo de incontáveis gerações, o seu etnônimo vivo e, com ele, as suas histórias e os seus saberes ancestrais, a despeito do projeto etnocida de colonização pelos portugueses. Por terem sido um dos primeiros grupos ameríndios a realizarem contato com os invasores, as pessoas dessa etnia foram desenvolvendo estratégias de resistência ao longo do tempo para continuar existindo e, mais do que isso, continuar mantendo a sua ancestralidade viva.

A associação entre a resistência indígena e a resiliência da árvore pau-brasil, que os autores fazem na página 63, é oportuna para ilustrar a exploração da população ameríndia no local de chegada dos primeiros portugueses:

O pau brasil por ter uma grande utilidade dentro da cultura indígena, e ter sido o principal recurso de troca entre índios e portugueses, ele foi praticamente a primeira árvore a quase ser extinta no nosso território. Hoje é raro você encontrar pau-brasil nativo. É igual o índio, você já vê o índio nessa região com essa mistura. Então se você for fazer essa comparação entre o pau-brasil e o índio eles têm essa história de ligação muito forte. Depois, por ele ser usado, explorado, assim como nós indígenas que fomos usados como mão de obra, escravizados. O pau-brasil foi usado para enriquecer, foi explorado... (ibid)

Essa associação também denota uma íntima relação dos Pataxó entre si e a árvore, uma relação entre semelhantes que compartilham das mesmas agruras desde o marco da colonização. Assim como o pau-brasil foi a primeira árvore a ser quase extinta, a etnia Pataxó foi uma das primeiras a ser quase extinta. Hoje, os Pataxó estão entre as dez populações indígenas mais numerosas do Brasil. Quanto ao pau-brasil, “nós reunimos em mutirão e plantamos por toda Reserva umas 70 mudas de pau-brasil. Esses aí já estão dando semente. E nós queremos plantar mais. As mudas que produzimos a gente já doou para outros lugares e já vendemos também. (ibid)”.

Precisamente por não terem desaparecido e, pelo contrário, terem buscado manter relações diplomáticas e, eventualmente, bastante próximas com brancos e outras etnias indígenas como os Maxacali e os Krenak, é que a chamada “cultura”² Pataxó permanece se modificando continuamente, numa velocidade cada vez mais acelerada. E ainda bem, pois esse é o principal indicativo de que ela está bem viva. Outro

² Entre aspas para remeter ao sentido atribuído por James Clifford (1998) a esta categoria, segundo o qual “uma ‘cultura’ é, concretamente, um diálogo em aberto, criativo, de subculturas, de membros e não membros, de diversas facções (p. 46).”

indicativo é o surgimento de novas histórias (ou versões reescritas), novas epistemes, paradigmas, costumes e assim por diante, ao longo das próximas gerações.

A obra foi escrita coletivamente por um grupo de pesquisadores da etnia Pataxó, embora a pesquisa tenha sido realizada em cooperação com pesquisadores não indígenas do projeto COMBIOSERVE³. Seu objetivo era “avaliar os impactos das mudanças no uso do solo e o conhecimento tradicional no manejo dos recursos naturais. (FERREIRA et al, 2018, p. 19)”. Através de uma “abordagem pautada na co-investigação” (ibid, p. 20), a equipe indígena reuniu saberes tradicionais Pataxó relacionados ao manejo da floresta, incluindo as narrativas de origem dos encantados, por acreditarem que elas estão intimamente relacionadas a esta temática, com as técnicas e ferramentas tecnológicas da equipe não indígena. Essa fusão sofisticada revelou um conjunto sistematizado de conhecimentos, métodos e práticas Pataxó ancestrais construídos a partir do seu vínculo com a terra, ao qual denominaram “gestão etnoambiental”.

A obra traz ainda uma reflexão dos indígenas acerca da sua tradição epistemológica do uso da oralidade como o principal recurso didático para a transmissão desses saberes e memórias:

Nós achamos muito importante este projeto que veio aqui para a Reserva da Jaqueira [...]; Durante esses anos trabalhando na Reserva da Jaqueira, a tudo isso que nós fizemos, hoje se dá o nome de pesquisa, mas antes a gente não falava em pesquisa, nós dizíamos “-vamos conversar com os mais velhos”. Era uma conversa porque tudo é passado através da oralidade, a escrita não é muito para nós, não é da nossa cultura registrar de forma escrita. (FERREIRA et al, 2018 p. 47)

Quando novos e velhos reavivam, com a sua própria memória, memórias alheias antigas, sobretudo de quem já encantou, algo enigmático e surpreendente pode acontecer: o nascimento de novos saberes e novas memórias, constituídas quando uma memória reavivada é surpreendida no meio do caminho até o juízo por uma (ou várias) vívida memória da experiência vivida – que pode ser inesperadamente aleatória ou criteriosamente acionada. Desse encontro, novos conhecimentos podem nascer – e nascem, o tempo todo. Nayara exemplifica: “aqui na Jaqueira fizemos pesquisa junto com Takuara e com Aderno [...] e juntamos o que eles contavam com os conhecimentos que a gente tem (ibid, p. 34)”.

³ Consórcio financiado pela União Europeia e que contou com a participação de “dez instituições que trabalharam em conjunto no período de 2012 a 2015 para analisar estratégias de gestão comunitária da diversidade biocultural (2018, p. 19). O projeto se valeu de “uma abordagem de pesquisa multidisciplinar e participativa” (ibid) com o objetivo de “identificar as condições e princípios do sucesso de iniciativas comunitárias de conservação em locais selecionados no Brasil, Bolívia e México” (ibid). O COMBIOSERVE foi coordenado no Brasil “pela Universidade Estadual de Feira de Santa (UEFS), em parceria com a Associação Nacional de Ação Indigenista (ANAI), com o Instituto Pataxó de Etnoturismo da Reserva da Jaqueira e com a comunidade indígena de Pé do Monte” (ibid).

Talvez seja oportuno chamar agora a atenção para a metodologia norteadora da pesquisa, a pedagogia da alternância, por meio da qual os participantes puderam contribuir a partir das suas próprias vivências, experiências e subjetividades. A pesquisa foi dividida em várias temáticas escolhidas pelos pesquisadores indígenas. Cada temática originou, ao término do projeto dois anos mais tarde, um capítulo da coletânea.

É possível identificar na obra, do ponto de vista do método etnográfico, ao menos dois elementos chamados no campo da Antropologia de *autoetnografia* e *polifonia* (CLIFFORD, 1998). O uso do primeiro tem a ver com o desprendimento dos autores quanto a autoria da narrativa. Os indígenas apresentam uma coleção de autoetnografias (KOPENAWA; ALBERT, 2015) coletivas, em que cada capítulo da obra é, de certa forma, independente dos demais e diferente em termos de métodos de pesquisa e estilos de escrita. O que todos os textos têm em comum, além de terem sido fruto de um mesmo projeto, é a transferência, ou melhor, a adaptação da oralidade para a escrita autoetnográfica, de suas próprias vivências, saberes e trajetórias no percurso da experiência da pesquisa.

O segundo elemento tem a ver com o fato de que a obra se apresenta como “uma celebração à criação de espaços de diálogo onde se preza pela simetria na relação entre o conhecimento tradicional pataxó e o conhecimento acadêmico científico” (ibid, p. 24). Diálogos, portanto, polifônicos e interculturais, intergeracionais e multiterritoriais⁴, voltados para o objetivo de documentar e compartilhar a riqueza biocultural Pataxó no âmbito de um projeto de gestão etnoambiental de territórios Pataxó (ibid).

A obra é toda narrada em primeira pessoa e, na maior parte do tempo, é impossível saber quem está falando, embora fique evidente que o estilo narrativo está sendo modulado o tempo todo. Esse dinamismo, ou porque não, essa “polifonia anônima”, a propósito, deixa a leitura do texto muito saborosa quando somada a outra característica marcante da obra que eu vou chamar de oralidade bem escrita, pela falta de expressão melhor.

Então, já sabemos que existem muitos narradores anônimos; por outro lado, em três capítulos específicos (são os capítulos 1, 5 e 6) os narradores, habilidosos contadores de histórias, fazem questão de se identificar e de assumir sozinhos a narrativa do texto. A explicação do porquê isso acontece é descoberta pelo leitor atento, durante o fluxo da leitura, com a ajuda de pistas bem sutis e sugestivas.

Noutras partes da obra, por outro lado, a sensação é a de estar imerso no cenário da história, não apenas testemunhando, mas sendo convidado a participar das conversas durante as atividades de pesquisa que deram origem ao livro:

⁴ Participaram da pesquisa, fora a equipe COMBIOSERVE, cerca de trinta pesquisadores indígenas homens e mulheres, entre anciões, adultos e adolescentes dos territórios Reserva da Jaqueira, Aldeia Pé do Monte e Coroa Vermelha.

Enquanto caminhávamos, Aderno foi explicando “aqui na restinga dá muito gravatá [uma bromélia], dá orquídea...” E assim foi mostrando para nós a vegetação da restinga: “na restinga tem muita mangaba, tem oricuri, palmeira, tem xandó, e vocês podem ver que não crescem muito, formam uma vegetação mais baixa”. [...] Às vezes a gente vai para a faculdade ou para a escola e volta de lá assim, não é? Quando você anda na mata você volta de lá feliz porque você teve uma aula excelente. Você fala de geografia, a geografia da Reserva da Jaqueira. A geografia é tudo o que nós estamos vivendo, o que vivemos no nosso cotidiano, estamos fazendo geografia andando para lá, andando para cá nessa terra, observando. (FERREIRA, 2018 p. 49)

Quando o/a autor/a evoca expressões como “a gente” e “você” nesses contextos (e ao longo da obra isso é bastante recorrente), o efeito é de inclusão do leitor na narrativa, puxando-o para a conversa. Embora saibamos claramente que “você” é um interlocutor real, ou seja um parente do narrador.

No primeiro capítulo intitulado “Os trabalhos do grupo de pesquisadores Pataxó”, encontramos-nos pela primeira vez na Reserva da Jaqueira (Porto Seguro, Bahia) com os pesquisadores locais. Eles então passam a relatar como desenvolveram um método próprio, participativo e dialógico para realização da pesquisa que originou o livro; para, só então, Nayara começar a contação de narrativas fantásticas como “Bebê cobra”, “O surgimento da Katumbayá”, “História do Jibura” e “História dos Botocudos e do povo Pataxó recontada por Nayara”.

Talvez a mais conhecida dentre essas histórias (ou pelo menos Nayara expressa o desejo que assim fosse) seja a de Katumbayá, também conhecida como Mãe da Mata. Katumbayá era uma menina que tinha o poder de se transformar em animais. Por um infortúnio ocasionado por essa sua condição, ela encantou quando era ainda criança e, desde então, se encarrega de cuidar dos animais da floresta. “Katumbayá falava que quando ela morresse iria se tornar um espírito da floresta, pois queria proteger toda a natureza e não deixar ninguém maltratar os animais e muito menos destruir a floresta. (ibid, p. 39)”. Acredita-se que Katumbayá faz com que as pessoas que se aventuram na mata com intenção de machucar animais ou destruir a floresta se percam nela, como forma de punição.

Oiti Pataxó, artista que ilustra as histórias do livro e que também participou de uma das equipes de pesquisa, me contou certa vez que entrou na mata para procurar troncos de árvores mortas sem a devida preparação ritual para esta tarefa. Nas suas mãos habilidosas, tocos e galhos são transformados em quimeras e bonecas Pataxó. Contou-me que, naquele dia, pela manhã, deixou o seu *kijeme* apressado, preocupado porque havia recebido encomendas de última hora. Acostumado a pegar a trilha do fundo da sua casa que desemboca direto na mata, nela se adentrou, como de costume, esquecendo-se, porém, de pedir permissão a Katumbayá. Oiti é acostumado a entrar na mata desde

criança e a conhece bem, motivo pelo qual acredita que só pode ter sido Katumbayá a responsável por fazê-lo perder-se na mata naquele dia. Contou-me ter ficado dando voltas durante horas, sem conseguir se localizar, até que, finalmente, reconheceu a trilha de volta para casa. É que, segundo ele conta, e o livro “Assim...” reconta, entrar na floresta requer uma preparação espiritual e reflexiva, que inclui fazer o pedido de proteção à guardiã da floresta para entrar na mata e pintar o corpo para não ser confundido com homens brancos caçadores.

Os três capítulos seguintes, “Plantas e animais na Reserva da Jaqueira importantes para o povo Pataxó”, “Flora do Parque Nacional do Monte Pascoal” e “Reflorestamento” são dedicados a apresentar o repertório de conhecimentos bioculturais Pataxó relacionados aos territórios Reserva da Jaqueira, Parque Nacional do Monte Pascoal e Coroa Vermelha, especificamente o território da aldeia Nova Coroa.

O quinto capítulo, intitulado “Ser mulher Pataxó” é de autoria de uma mulher Pataxó, Marília Braz, uma pesquisadora indígena feminista. A autora narra a sua comovente trajetória de vida ao mesmo tempo em que faz uma reflexão sobre igualdade de gênero e violência contra a mulher, a fim de contribuir para o estabelecimento e a disseminação de um novo paradigma na cultura Pataxó. Segundo a autora, “dentro de casa quem lidera é a mulher. As mulheres fazem parte das comissões das lideranças” (ibid p. 126). Mulheres “têm mais iniciativa para estudar” (ibid, p.125) e estão assumindo posições de poder dentro das aldeias e fora também. “A partir do momento que a mulher teve conhecimento, começou a estudar; [...] cada vez mais elas estão liderando.

O sexto e último capítulo “Mapa Territorial”, narrado pelo cacique Karajá Pataxó, grande liderança e referência do seu povo por ter sido protagonista na luta pela retomada pela demarcação da Terra Indígena de Coroa Vermelha em 1998, reúne mapas dessa região feitos por Karajá, profundo conhecedor do território, junto a sua equipe de jovens da aldeia. Karajá nos relata ainda a sua trajetória de vida, que se entrelaça com a história do território por ele mapeado. É uma relação muito bonita e muito genuína de amor e luta pelo território e de defesa do seu povo; de aprender a dominar ferramentas tecnológicas como o GPS e outros “saberes dos brancos” para defender os territórios indígenas.

“Assim contam os mais velhos”, título providencial que nomeia a obra, é um convite para a gente mergulhar num fôlego só em dois mundos – o da memória de uma Pindorama extinta e o da ação num Brasil globalizado – unidos por um povo que se orgulha de ser tão antigo e, ao mesmo tempo, contemporâneo. Por isso mesmo, e essa obra é a materialização disso, é que seus autores esperam que ela possa, ao mesmo tempo, servir como material didático nas escolas indígenas e como uma ponte para o diálogo intercultural conosco, os famigerados “brancos”, que tanto necessitamos nos educar étnico-racialmente.

Não sem razão, o líder Yanomami Davi Kopenawa, em seu profético “A Queda do Céu” (2015), declarou: “para que minhas palavras sejam ouvidas longe da floresta, fiz com que fossem desenhadas na língua dos brancos. Talvez assim eles afinal as entendam [...]. Desse modo, suas ideias a nosso respeito deixarão de ser tão sombrias e distorcidas e talvez

até percam a vontade de nos destruir (KOPENAWA; ALBERT, 2015 p. 76)". Em um movimento idêntico, em "Assim contam os mais velhos", uma obra de autoria Pataxó, os autores optaram por registrar através da escrita os resultados das suas pesquisas, motivados pelo "desejo de falar com os de fora, de divulgar a cultura e o conhecimento para aqueles que valorizam o livro como forma privilegiada de registro e transmissão da informação (FERREIRA et al, 2018 p. 24).

Considerando o local onde a pesquisa foi realizada, ou seja, a Reserva da Jaqueira, um espaço de referência em atividades etnoturísticas e em educação étnico-racial para turistas, a obra não deixa de ser um convite para a gente se achegar. Pegar uma esteira, sentar na beira da fogueira da arena de rituais da Reserva da Jaqueira, noite fresca de lua cheia, para ouvir algumas das histórias mais emblemáticas do povo Pataxó, contadas pela ilustre contadora de histórias Nayara Pataxó. Ela é uma das três irmãs fundadoras da Reserva da Jaqueira, liderança, filha da matriarca da Reserva, dona Takwara, que inclusive colaborou com a pesquisa contando as histórias "do tempo dos mais velhos". Karajá, autor do capítulo final, também é filho de dona Takwara. Suas outras duas filhas, Nitynawã e Jandaya, também lideranças da Reserva, igualmente contribuíram com a pesquisa e a escrita da obra, assim como vários de seus parentes (como os filhos de Jandaya, Macaiaba e Syratã; este último, atualmente, é o cacique da Reserva). Nitynawã, a propósito, é uma das autoras que organiza a obra. Como era de se esperar, o livro foi lançado na Reserva da Jaqueira, durante a festa do Aragwaksã em 2019. Na ocasião, foi Nayara quem veio me apresentar a obra, sorridente: "aqui está... o *nosso* livro".

Referências bibliográficas

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Recebido em: 28/10/2020 * Aprovado em: 21/03/2020 * Publicado em: 28/04/2021
